



GUILHERMINA SUGGIA em 1923

Óleo, pelo pintor inglês Augustus John, na Galeria Tate, de Londres.

A MAGA DO VIOLONCELO MORREU HÁ SEIS ANOS!

Honrar a memória dos Artistas é prolongar de certo modo através do tempo a admiração que em vida lhes foi tributada.

O culto dos ídolos consiste verdadeiramente na consagração do mérito excepcional, ou seja, na exaltação das figuras que por seu especial relevo se tornaram dignas de ser arvoradas em símbolos ou valores-padrões, para edificação dos vindouros.

Guilhermina Suggia há-de ser lembrada enquanto houver em Portugal quem procure cultivar flores do espírito, porque foi, na realidade, um caso de excepção e sublimidade aquele seu pendor para o fenómeno da interpretação.

Os Artistas criadores sobrevivem nas suas obras, circunstâncias materiais onde ficaram depositados os índices da sua genialidade. Só carecem de que essas obras se não olvidem.

Não assim com os Artistas intérpretes. A documentação do seu valor tem de buscar-se nas reacções dos coevos — nas palavras que disseram,

nos escritos que deixaram. Pessoalmente, não desconheço as minhas responsabilidades ao escrever sobre Guilhermina Suggia, não como biógrafo ou panegirista, mas como simples observador de acontecimentos musicais.

Os homens de amanhã hão-de dispor para o estudo da insigne violoncelista de interpretações gravadas em discos, de referências biográficas existentes em dicionários, enciclopédias e outras publicações especializadas. Também não faltarão críticas de concertos arquivadas em jornais e revistas. Serão suficientes tais elementos de estudo?

Tratando-se de qualquer Artista, concordo que fossem; no caso de Guilhermina Suggia, certamente que não são.

A palavra definitiva terá de ser pronunciada não pelos futuros estudiosos, por muito sagazes que se considerem, mas por quem sabe não poder arquivar o disco a presença de faculdades supra-musicais; por aqueles que não ignoram a seca objectividade das biografias; pelos que se encontram mais aptos a colocar em justo equilíbrio os juízos críticos pecando por excesso de entusiasmo e as opiniões emitidas com excesso de precaução.

No exercício das suas faculdades especiais, naqueles momentos supremos em que a Artista desempenhava perante o público a alta missão de encantamento que era injunção do seu destino, não se afigurava Guilhermina Suggia nem regular nem perfeita. Críticos musicais dignos e insuspeitos não viam sem alguma estranheza a falta de domínio técnico revelada em pormenores de afinação e dedilhação; e os sons parasitários, os afundamentos da qualidade do som, os portamentos de recurso, a própria desactualização do estilo eram para os melómanos de apurada sensibilidade motivos de grande desprazer estético. Defeitos.

A música, porém, seria bem pequena coisa se houvésemos de olhá-la unicamente como produto escolástico de paciência, persistência, agilidade e regras. E não se alçaria Suggia a estrela de primeiro plano se unicamente subisse aborroadada ao trabalho mecânico, à impecabilidade sonora, à articulação magistral. Ela patenteava outras qualidades excepcionais, transcendentais, inimitáveis, de musicalidade e poder de comunicação. Virtudes.

A música, sentia-a na essência, na transcendência da sua origem. Penetrando os textos com percepção agudíssima, completamente os assimilava e deles extraía versões que resultavam insuperáveis de lógica e sincera emoção.

De mais não precisava Suggia para alcançar a fama e a glória que em vida conheceu. Mas ela não era só isto, porquanto através do seu temperamento se revelava um fenómeno singular. Ao tocar, transfigurava-se, adquiria personalidade nova, revelava pela máscara e pelo gesto haver sido tocada por vibrações estranhas, como se também na interpretação musical fosse de admitir a presença de

qualidades mediúnicas. Nesses momentos de arroubamento que electrizava almas, a magia sonora não resultava nem só do arco, nem só da corda, nem só da vibração do seu *Stradivarius*, mas também dela própria, da sua natureza humana profundamente abalada pelo êxtase. Ora, isto é que nem o disco, nem o livro, nem o jornal poderão dar alguma vez aos vindouros, e eles jamais lograrão alcançar na exacta medida o que foram ao vivo as interpretações de Guilhermina Suggia, a maga paradoxal que não precisou dos atributos da virtuosidade pura para se mostrar violoncelista incomparável.

Julho, 1956.

REBELO BONITO.



Freguesias do Porto em 1861

(Segundo o decreto de 11 de Dezembro de 1861)

(Sequência)

Victória

ORAGO — NOSSA SENHORA DA VICTÓRIA

«Principia na capela das Taipas — compreendendo todo o Campo da Cordoaria (hoje Campo dos Mártires da Pátria), menos o lado do hospital — vem pela rua do Carmo ao largo do Carmo, rua dos Ferradores (hoje Praça de Carlos Alberto), Praça de Carlos Alberto até onde principia a rua de Cedofeita, rua das Oliveiras, rua da Conceição, largo do Pinheiro, travessa do mesmo nome — desce à rua do Almada, da viuva Melo para baixo — Hortas (hoje também rua do Almada) — Largo dos Loios — volta pela rua dos Caldeireiros — vielas dos Calhaus e do Ferraz — sobe pela mesma à viela da Esnoga, rua de S. Roque — continua até ao Postigo das Virtudes, desde a fonte até ao largo, limite da paróquia de Miragaia, seguindo pela rua das Taipas até à cadeia. Na linha de demarcação e arredondamento desta paróquia, também ficam incluídas, como se fossem especificadas, todas as ruas, travessas, vielas e becos. E fica composta de 1.356 fogos».

S. Nicolau

ORAGO — S. NICOLAU

«Principia dentro da Porta Nobre, todo o Cima do Muro até ao cais da Ribeira — segue o mesmo cais até à Corticeira, no marco do antigo limite de Campanhã — volta pelo mesmo cais e entra pela Lada, Barredo, S. Francisco de Borja — segue pela rua dos Mercadores — entra na rua Nova de S. João — sobe ao largo de S. Domingos, pelo lado do sul, rua de S. Domingos — sobe à rua de Belomonte até à esquina da rua de S. Roque, e até à fonte das Taipas — desce ao largo de S. João Novo, compreendendo-o todo — desce pela rua de S. João Novo à Ferraria — entra no Forno Velho, descendo pelas escadas do mesmo nome junto ao muro, até entrar na rua dos Banhos. Na linha de demarcação com que se circunscreve esta paróquia, ficam compreendidas, como se das mesmas se fizesse especial menção, todas as ruas, travessas, vielas e becos. E fica tendo esta paróquia 1.175 fogos».

In «Almanak do Porto e seu districto», para o ano de 1868-1869 — Porto, 1867.

(Segue).